

INSTITUTO	
Documentação	
SOCIOANTROPOLÓGICA	
Fonte	Formal da Arquidiocese
Data	Julho/99 Pg 12/15
Class	PIX 201

Pastoral da Saúde visita o Xingu



A Universidade de Brasília (UnB) convidou a Pastoral da Saúde da Arquidiocese, conhecendo o seu trabalho e o interesse pelas plantas medicinais, para passar dez dias em contato direto com os índios Kamayurá da reserva indígena do Xingu.

Após longa viagem de três dias, os visitantes descobriram como os índios extraem da natureza remédios para a cura de seus males. Já está sendo organizada para julho uma visita de 12 dias dos Kamayurá a Florianópolis, onde conhecerão como a Pastoral da Saúde utiliza a natureza.

Página 15

Descobrimos o Brasil

Pastoral da Saúde da Arquidiocese visita Xingu

O Parque Indígena do Xingu é uma área de 2.642.003 hectares, localizada no norte do Estado do Mato Grosso. A preservação da cultura indígena foi o principal objetivo da criação desta reserva, que também engloba os municípios de São Félix do Araguaia, Canarana e Paranatinga.

Para fiscalizar as terras dos índios, existem nessa área nove Postos Indígenas de Vigilância (PIV) e cinco Postos da FUNAI (PI), que cuidam da preservação da saúde das sociedades indígenas.

A entrada para visitação só é permitida mediante autorização expressa da FUNAI, que proíbe também a entrada de bebidas alcoólicas e tem como maior preocupação a preservação da mata virgem do local. No Parque do Xingu existem cerca de 30 tribos, cada qual falando sua própria língua, com hábitos e costumes específicos. Dentre elas destacamos: Kalapalo, Kuikuro, Matipu, Nahukuá, Kamayurá, Waurá, Ikpeng, Trumai, Suyá, Kaiabi, Tubatuba, Yudja, Piaraçu Kayapó, Maraká Kaiabi, Tuiararé Kaiabi e outras.



As índias do Xingu encenam a Dança das Mulheres para recepcionar os visitantes

A Viagem

A viagem ao Xingu foi um convite da UnB, Universidade de Brasília, que conhecendo o trabalho da Pastoral da Saúde na Arquidiocese de Florianópolis e seu interesse pelas plantas medicinais, convidou Teresa Gaio, coordenadora da Pastoral da Saúde da Arquidiocese e Fátima Farias, da Pastoral da Saúde do Regional Sul 4, a fazerem parte de um grupo de sete pessoas para visitarem o Xingu.

A oportunidade de estar em contato direto com uma aldeia indígena, preservada pela natureza, repleta de cultura e costumes próprios fascinou as participantes da Arquidiocese. O convite foi aceito para passar dez dias no Xingu.

A viagem iniciou no dia 16 de abril, num vôo com destino a Brasília. Lá conheceram o restante do grupo, composto por: duas pessoas da UnB; duas de Minas Gerais (uma jor-

nalista e um médico); e um índio guia da FUNAI. Assim começou a longa viagem.

No primeiro dia foram 13 horas, atravessando Goiás e Mato Grosso, chegando em Canarana (onde pernoveram). Na manhã seguinte foram mais 12 horas e meia divididas entre a boleia de um caminhão e a travessia do Rio Culuene, até chegar ao Posto da FUNAI Leonardo Villas Boas (no Alto Xingu). Pernoveram mais uma noite na beira do rio, para não navegar à noite. Chegando ao Posto da FUNAI, havia alguns índios da tribo para os recepcionar e levá-los de caminhão até a aldeia. Mais meia hora e o propósito inicial estava cumprido: conhecer a tribo. O que se viu saltava aos olhos, enormes ocas dispostas em círculo, cheio de verde ao redor, com um povo de colorido alegre.

A tribo Kamayurá

A tribo Kamayurá é composta de cerca de trezentas pessoas, que vivem às margens da lagoa de Ipavu, no Parque Indígena do Xingu. Essa população indígena, da família lingüística tupi-guarani, os Kamayurá, não têm escrita, sua alimentação é baseada na pesca, caça e cultivo de mandioca, de onde as mulheres fazem a tapioca. É uma sociedade organizada, tem suas leis específicas e um comportamento amistoso com os brancos.

O cacique da tribo, Tacumã, e um pequeno número de índios falam o português, enquanto que todos os outros, inclusive mulheres e crianças, só se comunicam em tupi-guarani, língua totalmente incompreensível para os visitantes. "Mas mesmo sem nos comunicarmos verbalmente com as mulheres,

dançamos e cantamos suas canções no meio da tribo num ritual muito alegre, apesar de sua timidez. Com as crianças, que são muitas e andam livremente brincando, sempre sorrindo, aprendemos brincadeiras, tomamos banho de lagoa e ensinamos cantigas de roda de nossa infância. Raramente os índios usavam algum tipo de vestimenta, geralmente andavam nus, com adereços como colares, cintos, faixas nas pernas e braços. Para a dança pintam seus corpos com urucum e semente de jenipapo. Cantam músicas de uma sintonia forte e pausada, acompanhadas de instrumentos musicais construídos por eles como chocalhos e tambores", narrou emocionada Teresa Gaio, coordenadora da Pastoral da Saúde da Arquidiocese.

Sintonia com a natureza

Há uma harmonia extraordinária nessa sociedade tribal, destituída de bens materiais e em completa sintonia com a natureza. São muito simples, respeitosos pelos mais velhos e principalmente pelo Cacique, que também é o Pajé do alto do Xingu. À noite os homens se reuniam no meio da Aldeia em roda, onde acendiam uma fogueira e ficavam conversando com os ilustres visitantes até a hora de dormir. "Dormíamos em redes, tomávamos banho na lagoa, o mató era nosso banheiro, não havia luz, apenas o fogo e as estrelas para iluminar a noite", explica Teresa Gaio.

Aproveitaram a viagem para conhecer seus costumes e falar das plantas medicinais. O índios do Xingu usam basicamente raízes e cascas das árvores, colhidas no meio da floresta quando têm necessidade,

geralmente o saber das plantas está com o Pajé, que passa de geração a geração para seu sucessor, seu filho mais velho - Cotóki. Havia também dois índios que são agentes de saúde, formados pela Escola Paulista de Medicina, responsável pela saúde das tribos.

Esses agentes de saúde índios estarão em Florianópolis no mês de julho para uma visita de 12 dias, num intercâmbio que será realizado com a Pastoral da Saúde, onde conhecerão nossas plantas medicinais, nossas comunidades e nossos agentes de saúde. Aprenderão a fazer xaropes, pomadas, tinturas e levarão algumas mudas de plantas medicinais para sua aldeia. "Esperamos poder trocar experiências tão valiosas como a nossa no Xingu", aguarda ansiosa Teresa Gaio.



Os índios fazem o motiara, troca de mercadorias com os visitantes da Arquidiocese